

CONFUSIONISMO

Raul PILLA

31-5-945

Foi sempre a confusão o clima propício ao sr. Getúlio Vargas. Em 1929, ninguém sabia ao certo se ele era realmente um candidato adverso ao sr. Washington Luiz, ou se estava apenas servindo de derivativo à indignação popular contra a candidatura imposta pelo Catete. Em 1930, ninguém sabia se a preparação revolucionária do sr. Osvaldo Aranha contava com o integral apoio do então presidente do Rio Grande, ou se, pelo contrário, estava sendo por ele solapada. E no próprio dia 3 de outubro houve quem lhe notasse sinais de vacilação, no que não deixava de ser uma aventura, mas era a suprema decisão de todos os espíritos liberais.

Vitoriosa em três semanas a revolução, longe de se dissipar aumentou a confusão, porque tal era necessário aos segretos designios de mando do homem, cujo nome se levantara por bandeira contra a hipertrofia do Poder Executivo. Viu-se então esta coisa talvez única na história: um governo surgido de um grande movimento democrático e liberal a querer exercer indefinidamente a ditadura, e a fomentar o fascismo, ao mesmo tempo que encorajava os esquerdistas, para, em tal ambiente de confusão, melhor alcançar os seus designios.

Um dos efeitos desta criminosa tática, em que o governo, fator, por definição, da ordem, se erige em causa motriz de desordem, foi a revolução constitucionalista, que obrigou o sr. Getúlio Vargas à retirada. Outro efeito foi a revolta comunista de 1935, que veio justificar a reação fascista e concorreu para formar o ambiente propício ao golpe de Estado de 1937.

Quem ignora hoje, graças à libertação da imprensa, o que foi esta inominável traição à democracia, às classes armadas e, mais do que isto, ao povo brasileiro? Quem não sabe que a mistificação e a confusão foram os grandes expedientes? Enquanto o chefe da nação, a ela ligado por um juramento solene, prometia eleições e eleições honestas, — encorajava por todos os meios, diretos e indiretos, ostensivos e clandestinos, o movimento integralista, que já chegava a monopolizar até as comemorações patrióticas.

Hoje, depois de quase oito anos de regime ditatorial, durante os quais estiveram confiscadas todas as franquias do povo brasileiro, outra não é a tática do ditador para conservar o poder que lhe foge: confusão, sempre confusão.

Perfeitamente definidos estavam os campos, há poucos meses. De um lado se achavam o ditador e os amigos do ditador, a querer conservar o poder; do outro lado se encontravam não somente os verdadeiros democratas, mas ainda os que, não o sendo em rigor, combatiam esta nefasta ditadura personalista. Sentindo-se perdido, tão empolgante foi o movimento de opinião em torno da candidatura Eduardo Gomes, manda o sr. Getúlio Vargas lançar a candidatura de outro militar, o seu ministro da Guerra, afim de estabelecer a confusão no seio das classes armadas. Mas, se isto era muito, longe estava ainda de ser tudo. Não lhe bastava obstacular, nem sequer impedir a eleição de um verdadeiro e honesto democrata, — porque isto não lhe assegurava a almejada continuidade no poder. Portanto, confusão, mais confusão, muita confusão era o que se fazia mistér. Confusão babelica era o que cumpria provocar.

Foi quando acorreu providencialmente em seu auxílio o sr. Luiz Carlos Prestes. Veio tão a propósito e tão bem servido que se diria para outra coisa não ter estado preso durante tantos anos, senão para se recomendar à confiança pública e aguardar o momento asado para a ludibriar, sustentando a ditadura vacilante.

Estavam todos os democratas ou, por falar mais genericamente, todos os anti-fascistas com a candidatura Eduardo Gomes? Preciso se fazia convencê-los de que nada lucraria a democracia com ela. Desejavam todos eleições livres e verdadeiras e, por isto, pleiteavam fossem elas presididas pela magistratura? Cumpria estabelecer que ninguém melhor do que o ditador poderia restaurar as leis e as praxes democráticas, por ele tão reiteradamente violadas. Apelava-se para o patriotismo do sr. Getúlio Vargas, afim de que abandonasse um cargo, onde constituía objeto de justificada desconfiança e fundados receios? Necessário se fazia assegurar que tal ato de patriotismo, longe de enobrecer o governante, constituía uma deserção e uma traição.

Como se vê, ninguém melhor do que o chefe comunista poderia, por suas chocantes contradições, gerar tão densa cortina de fumaça na vã tentativa de subtrair a ditadura à sua condenação inapelável. Antes que o sr. Getúlio Vargas o soltasse da calxa de surpresas onde o tinha encerrado, tudo estava claro aos olhos do povo e conheciam todos, sem vacilações, a posição que lhes competia tomar. Depois, fez-se a confusão. Mas não há nevélo que se não dissipa com o sol da verdade e se não esgarce com as rajadas da crítica. A confusão há-de desfazer-se, já se está começando a desfazer, para castigo dos confusionistas.